

Em busca de uma pedagogia da alteridade através dos bens culturais

Considerando que neste trabalho, realizo movimentos rizomáticos, não pretendo fazer deste último capítulo uma conclusão, mas sim, apresentá-lo como mais um deslocamento de um rizoma com várias ramificações. Chamo esse deslocamento de pedagogia da alteridade através da recepção. Acredito, a partir das reflexões que desenvolvi até aqui, que é viável criar uma pedagogia da alteridade, realizada a partir de práticas de criação e recepção coletiva de bens culturais. Assim, essa pedagogia consiste na tentativa de se aplicar a noção de contato cultural – identificada por Schwab no ato da leitura – às situações concretas de criação e recepção de quaisquer produtos culturais.

Vejo que essa pedagogia é formada pela união de métodos e práticas, que desenvolvem nos sujeitos a habilidade de observarem a si mesmos e aos outros, no momento exato, da construção de sentidos para textos, imagens, falas e vídeos. As experiências de recepção coletiva, que acompanhei, tanto aqui no Rio de Janeiro e na viagem aos EUA, me deram condições para pensar que, de fato, é necessário criar espaços e estratégias que permitam simultaneamente o trabalho de construção de sentidos e a percepção de suas semelhanças com todos os demais processos de interação social. Como, por exemplo, a identificação que estabelecemos com ideologias, culturas e estilos de arte, é fruto de construções que realizamos a cada momento. Assim, quando observamos pessoas produzindo sentidos, podemos tomar consciência de tais construções.

A implementação dessa pedagogia da alteridade, depende de sua articulação com as normas, regras e convenções estabelecidas pelo grupo social que produz tais práticas. Ações norteadas por princípios de competição e elitização, podem determinar certas convenções e regras que inviabilizam o exercício da referida pedagogia. Tal é o perfil de relação com o Outro, que tem

predominado na história do ocidente, e que não é diferente para a história social das práticas leitoras.

Creio que, ao pensarmos no conjunto de ações que formam produção, distribuição e recepção, é possível perceber a gênese das convenções que momentaneamente esboçam a criação e a leitura de bens culturais e, assim, identificar como um determinado padrão é estabelecido ou alterado. Isso porque, os sentidos atribuídos a um texto, vídeo ou imagem, são resultados de processos comunicativos que um sistema auto-referencial produz.

Segundo a perspectiva de N. Luhmann, o ato de produzir sentido ou significado, é também um ato autopoiético de um sistema social. Por esse caminho, consegue-se entender porque um grupo social, que compartilha uma forma elitista e dominadora de se relacionar com os demais grupos sociais, busca estabelecer o seu domínio ao deter uma verdade sobre as interpretações e principalmente sobre a realidade. Assim, forma-se o sentido, que serve de elemento auto-produtivo do sistema social, que opera na sua reprodução. O sistema social elitista e autoritário, imposto pelo governo militar no Brasil, agiu desta maneira ao estabelecer suas verdades, com o auxílio da expansão da mídia eletrônica e da censura, para desencadear processos auto-reprodutivos que estabeleçam um modelo de se lidar com as interpretações, e determinavam a configuração da realidade.

Por outro lado, quando a produção de sentidos rompe com a convenção de se atingir apenas uma verdade incontestável, outros tipos de ações sociais podem ser estabelecidas, nas quais se prevê a aceitação de várias possibilidades de criação de sentidos. Nesse modelo, a autopóiese do sistema social não se fecha no movimento de reprodução; ao contrário, realiza movimentos rizomáticos em direção ao seu ambiente formador de outros sistemas sociais. Afirmo isso, porque a polivalência de significados, para um texto, pode transcender seu limite e se tornar um meio que proporciona a multiplicidade, a heterogeneidade e conectividade de ações intersistêmicas. Um exemplo, foi o deslocamento dessas características rizomáticas, observadas em processos de recepção de bens culturais, para as ações de administração e manutenção da própria instituição do pré-vestibular comunitário.

Ao considerar o ato de produzir sentidos como o elemento reprodutivo do sistema, estou também reconhecendo tal ato, como uma espécie de tradução da

complexidade do ambiente para o sistema, na intenção de se estabelecer a sua diferença entre sistema e seu ambiente. Tal tradução da complexidade, do que está fora do sistema, pode ser ampliada, desenvolvendo-se mais a capacidade dos sujeitos de lidar com o alto grau de complexidade da vida social contemporânea. O aumento dessa capacidade pode ser fruto da ação de observar outros sujeitos nos seus atos de recepção e produção de sentido. Aqui, o que importa destacar, é o processo que faz com que uma realidade seja construída, observada e reconhecida. Ou seja, a articulação dentro do sistema, que seleciona elementos fora de seus limites, e que produz sentido, é explicitada.

Justamente neste momento, percebemos como as fronteiras entre o real e o ficcional são mais do que porosas, e como as identidades – justificativas do domínio ou superioridade de certos grupos sociais – revelam-se enquanto meras construções. O incremento da capacidade de se lidar com a complexidade, surge do ato de se observar esses processos construtivos. Creio que aqui, está o cerne do que apresento como uma pedagogia da alteridade.

O aprendizado, voltado para ampliação da complexidade e exploração de multiplicidades, poderá ser a contribuição desta proposta de práticas culturais, muito mais compatíveis, com as características e demandas da vida social contemporânea. Desta forma, o estudo de práticas culturais, pode deixar o Olimpo metafísico de abstrações e verdades absolutas, para se tornar, de fato, uma caixa de ferramentas para a construção de ações coletivas, capazes de criar realidades, mundos, vidas e culturas, fora de modelos de relação social, baseados na discriminação e exploração.